



HARLAN COBEN

70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

A PROMESSA

Uma história de MYRON BOLITAR



E se a vida de alguém dependesse da sua palavra?



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Charlotte, Ben, Will e Eve.
Vocês são poucos, mas sempre serão o meu mundo.*

capítulo 1

A GAROTA DESAPARECIDA – SAÍRAM inúmeras matérias no noticiário, sempre mostrando aquele retrato escolar dolorosamente comum da adolescente que sumiu, você sabe qual, a do arco-íris em redemoinho no mural ao fundo, de cabelo muito liso, sorriso meio sem jeito; e depois sempre cortam a imagem para os pais preocupados no gramado da frente da casa, cercados por microfones, a mãe chorosa, o pai lendo uma declaração com os lábios trêmulos –, aquela garota, você sabe, aquela garota *desaparecida*, tinha acabado de passar por Edna Skylar.

Edna ficou paralisada.

Stanley, seu marido, ainda deu dois passos antes de perceber que a mulher não estava mais ao lado. Girou.

– Edna?

Estavam perto da esquina da Rua 21 com a Oitava Avenida, em Nova York. O tráfego era leve nessa manhã de sábado. Já o movimento de pedestres era pesado. A garota desaparecida estava indo em direção ao norte da cidade.

Stanley deu um suspiro cansado.

– O que foi, agora?

– Shh.

Ela precisava pensar. Aquela foto da garota, com o arco-íris atrás... Edna fechou os olhos. Precisava fixar a imagem na cabeça. Comparar e contrastar.

Na fotografia, a garota desaparecida tinha cabelo castanho-claro comprido. A mulher que tinha acabado de passar – mulher, e não garota, porque a que tinha acabado de passar parecia mais velha, embora a foto também pudesse ser antiga – era uma ruiva com cabelo mais curto e ondulado. A garota da foto não usava óculos. A que ia para o norte pela Oitava Avenida tinha uns óculos elegantes com armação retangular escura. A roupa e a maquiagem eram mais... adultas – por falta de uma palavra melhor.

Examinar rostos era mais do que um hobby para Edna. Aos 63 anos, era uma das poucas médicas de sua idade especializada no campo da genética. Os rostos eram sua vida. Parte de seu cérebro vivia trabalhando, mesmo longe do consultório. Não conseguia evitar: a Dra. Edna Skylar estudava rostos o tempo todo. Seus amigos e família já tinham se acostumado com

aquele olhar que sondava, mas os estranhos e os conhecidos recentes achavam isso perturbador.

Portanto era o que Edna estava fazendo. Caminhando pela rua. Ignorando as paisagens e os sons, como acontecia frequentemente. Perdida em seu fascínio pelas feições das pessoas. Notando estruturas de malares e profundidade mandibular, medindo distância interocular e altura de orelhas, contornos de maxilares e espaçamento orbital. E foi assim que, apesar da nova cor e do novo corte de cabelo, Edna reconheceu a garota desaparecida.

– Ela estava andando com um homem.

– O quê?

Edna não tinha percebido que pensara alto.

– A garota.

Stanley franziu a testa.

– Do que você está falando, Edna?

Aquela foto. Aquele retrato escolar tão comum, igual ao de qualquer estudante. Você já viu um milhão desses. Diante de uma foto como essa, suas emoções começam a borbulhar. Você vê o passado dela, o futuro dela. Sente a alegria da juventude, a dor de crescer. Dá para enxergar o potencial da menina. Então sente uma pontada de nostalgia. Você vê a vida dela passar num jorro; faculdade, casamento, filhos, a coisa toda.

Mas, quando essa foto aparece no noticiário da noite, ela crava o terror em seu coração. Você vê aquele rosto, aquele sorriso hesitante, o cabelo escorrido e os ombros caídos, e sua mente percorre lugares sombrios aonde não deveria ir.

Havia quanto tempo Katie – esse era o nome dela, Katie – estava desaparecida?

Edna tentou lembrar. Um mês, provavelmente. Talvez seis semanas. A história só tinha sido divulgada pelo noticiário local, mas não por muito tempo. Algumas pessoas acreditavam que ela havia fugido de casa. Katie Rochester tinha feito 18 anos alguns dias antes – ou seja, era adulta, o que reduzia um bocado a prioridade das buscas. Devia ter problemas em casa, em especial com o pai rígido.

Talvez Edna estivesse enganada. Talvez não fosse ela.

Havia um modo de descobrir.

– Depressa – disse a Stanley.

– O quê? Aonde vamos?

Não havia tempo para explicações. A garota já devia estar no outro quar-

teirão. Stanley iria atrás. Stanley Rickenback, ginecologista e obstetra, era o segundo marido de Edna. O primeiro fora um furacão em sua vida, bonito demais, passional demais e, bem, panaca demais. Não era justo, mas e daí? A ideia de se casar com uma médica – isso acontecera havia quarenta anos – parecera interessante para o Marido Um. Mas a realidade não tinha caído muito bem para ele. Imaginava que Edna superaria a fase médica assim que tivessem filhos. Edna não superou; foi o contrário. A verdade – uma verdade que não passou despercebida para seus filhos – era que ela amava mais ser médica do que mãe.

Edna acelerou. As calçadas estavam apinhadas, então ela foi para a rua, no meio-fio, e apertou o passo. Stanley a seguia de perto.

– Edna?

– Só me acompanhe.

Ele a alcançou.

– O que estamos fazendo?

Os olhos dela procuravam o cabelo ruivo.

Ali. Adiante, à esquerda.

Precisava olhar mais de perto. Começou a correr – seria uma situação estranha vista de fora: uma mulher bem-vestida, de 60 e poucos anos, disparando pela rua. Mas estavam em Manhattan. Mal merecia um segundo olhar.

Passou à frente da mulher, tentando não ser óbvia demais, escondendo-se atrás de pessoas mais altas. E quando estava no lugar certo, girou. A possível Katie vinha andando na sua direção. Os olhares das duas se encontraram por um brevíssimo momento e Edna soube.

Era ela.

Katie Rochester estava de mãos dadas com um homem de cabelos escuros, de uns 30 e poucos anos. Não parecia perturbada. Na verdade, até o ponto em que os olhares se encontraram, parecia bem contente. Claro que isso poderia não significar nada. Elizabeth Smart, a garota que fora sequestrada em Utah, tinha estado em lugares públicos com o sequestrador e jamais tentara sinalizar um pedido de socorro. Talvez alguma coisa parecida estivesse acontecendo ali.

Edna continuou desconfiada.

A possível Katie ruiva sussurrou alguma coisa para o sujeito de cabelos escuros. Eles aceleraram, viraram à direita e desceram a escada do metrô. Stanley alcançou Edna. Ele ia dizer alguma coisa, mas viu a expressão dela e ficou quieto.

– Venha – disse ela.

Deram a volta rapidamente e começaram a descer a escada. A mulher desaparecida e o homem de cabelos escuros já estavam passando pela catraca.

– Droga! – disse Edna.

– O que foi?

– Não estou com o cartão do metrô.

– Eu estou – disse Stanley.

– Me dê. Depressa.

Stanley pegou o cartão e o entregou. Ela passou o cartão, atravessou a catraca e o devolveu a ele, sem esperá-lo. Os dois tinham descido a escada à direita. Edna foi até lá. Ouviu o rugido de um trem chegando e começou a correr.

Os freios guincharam. As portas do metrô se abriram. O coração de Edna batia louco no peito. Olhou à esquerda e à direita, procurando a ruiva.

Nada.

Onde estava a garota?

– Edna? – Era Stanley.

Ela não disse nada. Apenas ficou parada na plataforma, sem perceber qualquer sinal de Katie Rochester. E se percebesse? O que poderia fazer? Pular no trem e ir atrás da moça? Para onde? E depois? Encontrar o apartamento dela e ligar para a polícia?

Alguém deu um tapinha no seu ombro.

Edna se virou. Era a garota desaparecida.

Por um longo tempo depois disso Edna se perguntaria o que tinha visto na expressão da jovem. Um olhar de súplica? De desespero? De calma? De alegria, talvez? De decisão? Tudo isso.

As mulheres ficaram imóveis encarando-se por um momento. A multidão agitada, a estática indecifrável nos alto-falantes, o ar soprado pelo movimento do trem – tudo desapareceu, deixando apenas as duas.

– Por favor – disse a garota num sussurro. – A senhora não pode dizer a ninguém que me viu.

Então ela entrou no trem. Edna sentiu um arrepio enquanto as portas se fechavam. Queria fazer alguma coisa, qualquer coisa, mas não conseguia se mexer. Seu olhar permanecia fixo ao da garota.

– Por favor – repetiu ela movendo os lábios do outro lado do vidro.

E então o trem desapareceu no escuro.

capítulo 2

HAVIA DUAS ADOLESCENTES NO porão de Myron.

Foi assim que tudo começou. Mais tarde, quando Myron examinava toda a sequência de acontecimentos, essa primeira série de “e se” vinha à tona e o assombrava de novo. E se ele não tivesse precisado de gelo? E se tivesse aberto a porta do porão um minuto antes ou um minuto depois? E se as duas adolescentes – o que estavam fazendo sozinhas no seu porão, para começo de conversa? – estivessem falando mais baixo e ele não as ouvisse?

E se ele tivesse simplesmente cuidado da própria vida?

Do topo da escada, Myron ouviu as garotas dando risinhos. Parou. Por um momento pensou em fechar a porta e deixá-las em paz. Ele tinha reunido uns amigos em casa, e o gelo estava acabando. Mas ainda não tinha acabado. Poderia voltar outra hora para buscar mais.

Mas, antes que pudesse se virar, a voz de uma das garotas subiu feito fumaça pela escada.

– E você foi com o Randy?

A outra:

– Ah, meu Deus, sim. A gente ficou meio... doido.

– De cerveja?

– Cerveja e uísque.

– Como você voltou pra casa?

– O Randy dirigiu.

No topo da escada Myron se retesou.

– Mas você disse...

– Shh. – E depois: – Ei? Tem alguém aí?

Droga.

Myron desceu a escada trotando, assobiando, o próprio Sr. Casual. As duas jovens estavam onde antigamente era o quarto dele. A reforma do porão tinha “acabado” em 1975 e dava para perceber isso. O pai de Myron – que atualmente morava com a mãe dele em um condomínio perto de Boca Raton – adorava fita dupla-face. O papel de parede imitando madeira, um estilo que envelheceu quase tão bem quanto o Betamax, tinha começado a se soltar. Em alguns pontos, as paredes de concreto estavam visíveis e descascando. Os ladrilhos do piso, presos com alguma coisa parecida com

cola de artesanato, estavam estufando. Estalavam feito besouros quando se pisava neles.

As duas garotas – uma que Myron conhecia desde sempre, outra que ele conhecera naquele dia – se viraram para ele com os olhos arregalados. Por um momento ninguém disse nada. Ele deu um aceninho para elas.

– Oi, meninas.

Myron Bolitar se orgulhava de ter ótimas falas.

As garotas estavam no último ano do ensino médio, ambas eram bonitas, com aquele ar juvenil. A que estava sentada no canto de sua antiga cama – a que ele havia conhecido uma hora antes – se chamava Erin. Dois meses antes Myron tinha começado a namorar a mãe dela, uma viúva chamada Ali Wilder, que escrevia para revistas como freelancer. Essa festa, na casa em que Myron havia crescido e da qual era dono, era uma espécie de “anúncio” oficial de Myron e Ali como um casal.

A outra garota, Aimee Biel, imitou seu aceno e seu tom de voz.

– Oi, Myron.

Mais silêncio.

Ele conhecera Aimee Biel um dia depois de ela nascer no Hospital St. Barnabas. Aimee e seus pais, Claire e Erik, moravam a dois quarteirões dali. Myron conhecia Claire desde a época da escola, quando frequentaram juntos o Heritage, a menos de um quilômetro de onde se encontravam agora. Myron se virou para Aimee. Por um momento recuou cerca de 25 anos no passado. A garota se parecia tanto com a mãe – tinha o mesmo riso torto de quem não ligava a mínima para nada – que olhar para ela era como enxergar através de um portal do tempo.

– Só vim pegar um pouco de gelo – explicou, apontando para o freezer.

– Beleza – disse Aimee.

– Obrigado. Mas pode deixar que eu pego, não precisa me dar gelo.

Myron riu da própria piada. Sozinho. Com o riso idiota ainda no rosto, olhou para Erin. Ela se virou para o outro lado. Essa havia sido sua reação básica ao longo do dia: educada e distante.

– Posso perguntar uma coisa? – disse Aimee.

– Manda ver.

– Isso aqui era mesmo o seu quarto quando você era novo?

– Era.

As duas trocaram um olhar. Aimee deu um risinho. Erin fez o mesmo.

– O que foi? – perguntou Myron.

– Esse quarto... quero dizer, é bizarro.

Finalmente Erin falou:

– É tipo retrô demais para ser retrô.

– Como se chama essa coisa? – perguntou Aimee, apontando para baixo.

– Pufe.

Elas deram mais risinhos.

– E por que essa luminária tem uma lâmpada preta?

– Ela faz os cartazes brilharem.

Mais risos.

– Ei, eu era jovem – disse Myron, como se isso explicasse tudo.

– Você já trouxe alguma garota pra cá? – perguntou Aimee.

Myron levou a mão ao coração.

– Um verdadeiro cavalheiro nunca revela essas coisas. – E depois: – Já.

– Quantas?

– Quantas o quê?

– Quantas garotas você trouxe pra cá?

– Ah. Aproximadamente... – Myron levantou os olhos, desenhou no ar com o indicador, como se estivesse fazendo uma conta –... vão três... eu diria algo entre oitocentas e novecentas.

Isso provocou gargalhadas histéricas.

– Na verdade – disse Aimee –, mamãe diz que você era bem bonitinho.

Myron levantou uma sobrancelha.

– “Era”?

As garotas deram um tapa na mão uma da outra e caíram de costas na cama aos risos. Myron balançou a cabeça e resmungou alguma coisa sobre respeitar os mais velhos.

– Posso perguntar outra coisa? – disse Aimee depois do ataque de riso.

– Vai fundo.

– Quero dizer, sério.

– Manda ver.

– Aquelas fotos suas lá em cima... na parede da escada...

Myron confirmou com a cabeça. Já imaginava aonde aquilo ia chegar.

– Você saiu na capa da *Sports Illustrated*.

– Saí mesmo.

– Mamãe e papai disseram que você foi, tipo, o maior jogador de basquete do país.

– Mamãe e papai exageraram – disse Myron.

As duas o encararam. Cinco segundos se passaram. E mais cinco.

– Estou com alguma coisa presa nos dentes? – perguntou Myron.

– Você não foi... tipo, contratado pelo Lakers?

– Celtics – corrigiu ele.

– Desculpe, pelo Celtics. – Aimee manteve o olhar grudado nele. – E machucou o joelho, não foi?

– Foi.

– Aí sua carreira acabou. Assim.

– Mais ou menos, é.

– Então, tipo... – Aimee deu de ombros. – Como foi a sensação?

– De machucar o joelho?

– Não, de ser um superastro e tal. E aí, *pou*, nunca mais poder jogar.

As garotas esperaram a resposta, ansiosas. Myron tentou pensar em alguma coisa profunda.

– Foi uma tremenda bosta – disse.

As duas gostaram disso.

Aimee balançou a cabeça.

– Deve ter sido péssimo.

Myron olhou para Erin. Ela tinha os olhos baixos. O cômodo ficou em silêncio. Ele esperou, até que a garota acabou erguendo a cabeça. Parecia amedrontada, pequena e jovem. Ele quis abraçá-la, mas seria errado.

– Não – disse baixinho, ainda sustentando o olhar de Erin. – Nem chegou perto de péssimo.

Uma voz no topo da escada gritou:

– Myron?

– Estou indo.

Então ele quase saiu do porão. O próximo grande “e se”. Mas as palavras que tinha ouvido quando estava no topo da escada – *Randy dirigiu* – ficavam girando em sua cabeça. *Cerveja e uísque*. Não podia deixar pra lá, podia?

– Queria contar uma história – começou.

E parou. O que queria era falar sobre um incidente de sua época de colégio. Houve uma festa na casa de Barry Brenner. Era o que queria contar. Estava no último ano do ensino médio, como elas. Houve muita bebedeira. Seu time, o Livingston Lancers, tinha acabado de ganhar o torneio estadual de basquete, com 43 pontos do astro Myron Bolitar. Todo mundo estava bêbado. E havia Debbie Frankel, uma garota brilhante, que sempre levava

tava a mão para contradizer os professores, argumentava e assumia o lado oposto das discussões. E todos a adoravam por isso. À meia-noite, Debbie veio se despedir dele. Seus óculos estavam baixos no nariz. Era disso que ele mais se lembrava – o modo como os óculos dela tinham escorregado pelo nariz. Dava para ver que Debbie estava chapada. Assim como as outras duas garotas que iriam se espremer naquele carro.

Dá para adivinhar o fim da história. Elas desceram a ladeira na South Orange Avenue rápido demais. Debbie morreu na batida. O carro amassado ficou exposto na frente da escola durante seis anos. Myron se perguntou onde ele estaria agora, o que teriam feito com os destroços.

– O que foi? – perguntou Aimee.

Mas Myron não contou sobre Debbie Frankel. Sem dúvida Erin e Aimee tinham ouvido outras versões da mesma história. Não funcionaria. Ele sabia disso. Então tentou de outra forma.

– Preciso que vocês me prometam uma coisa.

Erin e Aimee o encararam.

Ele tirou a carteira do bolso e pegou dois cartões de visita. Abriu a gaveta da cômoda e achou uma caneta que ainda funcionava.

– Todos os meus números estão aqui: de casa, do trabalho, do celular, do meu apartamento em Nova York.

Myron rabiscou nos cartões e entregou um para cada uma delas. Elas pegaram os cartões sem dizer nada.

– Por favor, escutem, está bem? Se algum dia estiverem numa encrenca, se saírem para beber, se seus amigos estiverem bebendo, se vocês estiverem chapadas ou doidonas ou sei lá o quê... Prometam que vão ligar para mim. Eu vou pegar vocês onde estiverem. Não vou fazer nenhuma pergunta. Não vou contar aos seus pais. É a minha promessa. Levo vocês aonde quiserem ir. Não importa a que horas seja. Não importa se estiverem longe. Não importa se estiverem chapadas. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Liguem e eu pego vocês.

Nenhuma das duas disse nada.

Myron se aproximou mais. Tentou não parecer que estava implorando.

– Só, por favor... por favor, nunca andem de carro com alguém que tenha bebido.

Elas continuavam o encarando.

– Prometam.

E um instante depois – o último “e se” – elas prometeram.

capítulo 3

DUAS HORAS DEPOIS, A família de Aimee – os Biels – foram os primeiros a ir embora.

Myron os levou à porta. Claire se inclinou perto do ouvido dele.

– Ouvi dizer que as garotas desceram até o seu quarto.

– É.

Ela lhe deu um riso maroto.

– Você contou a elas...?

– Meu Deus, não.

Claire balançou a cabeça.

– Você é tão puritano!

Ele e Claire tinham sido bons amigos no ensino médio. Myron adorava o espírito livre dela. Ela agia feito um homem – por falta de um termo mais adequado. Quando iam a festas, Claire tentava ficar com alguém, em geral com mais sucesso que ele, porque era uma garota bonita. Ela gostava de caras musculosos e burros.

Agora Claire era advogada. Ela e Myron tinham se pegado uma vez, naquele mesmo porão, num feriado do último ano de escola. Myron ficou muito preocupado com aquilo. No dia seguinte, contudo, Claire não demonstrou nenhum incômodo, nenhum desconforto. Nem deu gelo, nem veio com “talvez a gente devesse conversar sobre ontem”.

E não aconteceu de novo.

Na faculdade de direito Claire conheceu o marido, “Erik, com K” – era como ele sempre se apresentava. Erik era magro e tenso. Raramente sorria. Quase nunca gargalhava. Sua gravata estava sempre com um nó Windsor maravilhosamente bem-feito. Erik com K não era o homem com quem Myron imaginava que Claire acabaria se casando, mas os dois pareciam dar certo juntos. Teria algo a ver com o fato de os opostos se atraírem, talvez.

Erik lhe deu um aperto de mão firme, certificando-se de fazer contato visual.

– Vejo você no domingo?

Os dois costumavam jogar basquete nas manhãs de domingo, mas Myron já tinha parado de ir meses antes.

– Esta semana não vou, não.

Erik assentiu como se Myron tivesse dito algo profundo e saiu. Aimee conteve um riso e acenou.

– Tchau, Myron. Foi bom falar com você.

– Também achei, Aimee.

Myron tentou lhe dirigir um olhar que dizia: “Lembre-se da promessa.” Não soube se funcionou, mas Aimee balançou levemente a cabeça antes de descer pelo caminho.

Claire beijou o rosto dele e sussurrou de novo no seu ouvido:

– Você parece feliz.

– E estou.

– Ali é fantástica, não é? – disse ela, com um sorriso satisfeito.

– É.

– Não sou a maior casamenteira de todos os tempos?

Claire deu uma piscadela e se afastou. Myron ficou olhando enquanto ela andava, sorrindo. De certa forma a gente sempre tem 17 anos e está esperando que a vida comece.

Dez minutos depois Ali Wilder, a nova amada de Myron, chamou seus filhos para irem embora também. Myron levou todos até o carro. Jack, o garoto de 9 anos, usava orgulhoso uma camisa do Celtics com o antigo número de Myron. Era a última moda. Primeiro tinha havido a febre dos uniformes retrôs dos melhores jogadores. Agora um site chamado Grandes-Fracassados.com ou algo assim vendia uniformes de antigos ídolos ou de jogadores promissores que nunca tinham chegado a lugar nenhum.

Como Myron.

Naquela idade, porém, Jack não entendia a ironia.

Quando chegaram ao carro, Jack deu um abraço enorme em Myron. Sem saber como agir, Myron o abraçou também, mas foi breve. Erin ficou afastada. Meio que o cumprimentou com a cabeça e se sentou no banco de trás. Jack a acompanhou. Ali e Myron ficaram de pé do lado de fora, olhando-se como dois adolescentes começando a namorar.

– Foi divertido – disse Ali.

Myron ainda estava sorrindo. Ali o observava com seus maravilhosos olhos castanho-esverdeados. Tinha cabelos louro-avermelhados e ainda havia algumas das sardas da infância salpicadas pelo rosto. Seu sorriso era largo e luminoso.

– O que foi? – perguntou ela.

– Você está linda.

– Uau, você é eloquente.

– Não quero contar vantagem, mas sou, sim.

Ali olhou de novo para a casa. Win – nome verdadeiro: Windsor Horne Lockwood III – estava de braços cruzados, encostado no portal.

– O seu amigo Win parece legal – disse ela.

– Não é.

– Eu sei. Só achei que, como ele é seu melhor amigo, seria bom dizer isso.

– O Win é complicado.

– É bonito.

– Ele sabe.

– Mas não faz meu tipo. É bonitinho demais. Mauricinho demais.

– E você prefere machões. Entendo.

Ela deu um risinho.

– Por que ele fica me olhando daquele jeito?

– Quer que eu adivinhe? Provavelmente está avaliando a sua bunda.

– É bom saber que alguém está.

Myron pigarreou e desviou o olhar.

– Então, quer jantar comigo amanhã?

– Seria ótimo.

– Pego você às sete.

Ali pôs a mão no peito dele. Myron sentiu algo elétrico no toque. Ela ficou nas pontas dos pés – Myron tinha 1,93 metro – e o beijou no rosto.

– Eu cozinho para você.

– Verdade?

– Vamos ficar na minha casa.

– Fantástico. Então vai ser, tipo... uma coisa de família? Pra conhecer melhor as crianças?

– As crianças vão dormir na casa da minha irmã.

– Ah.

Ali o olhou com intensidade e se sentou no banco do motorista.

– Ah – repetiu Myron.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– E você não queria contar vantagem sobre sua eloquência.

Em seguida foi embora. Myron esperou o carro desaparecer, ainda com o sorriso bobo no rosto. Virou-se e voltou para a casa. Win continuou na mesma posição. Muitas coisas estavam diferentes na vida de Myron – os pais se mudando para o sul, o bebê de Esperanza, o destino de sua empresa,

até Big Cyndi –, mas Win permanecia constante. Parte do cabelo louro-acinzentado nas têmporas tinha ficado grisalho, mas Win ainda era o superbranco-anglo-saxão-protestante. Maxilar nobre, nariz perfeito, cabelo partido pelos deuses – fedia, merecidamente, a privilégio, sapatos brancos e bronzeado de golfista.

– Seis vírgula oito – disse Win. – Dá para arredondar para sete.

– Como assim?

Win levantou a mão com a palma para baixo, inclinou-a de um lado para o outro.

– Sua Sra. Wilder. Se eu for generoso, dou um sete.

– Puxa, isso significa muito vindo de você.

Entraram em casa e se sentaram na sala íntima. Win cruzou as pernas com suas calças com vincos perfeitos. Sua expressão estava sempre no modo “altivo”. Parecia mimado, superprotegido e frágil – pelo menos no rosto. Mas o corpo contava outra história. Era todo feito de músculos amarrados e enrolados, como um daqueles rolos de arame farpado.

Win juntou as pontas dos dedos das duas mãos. O gesto parecia adequado a ele.

– Posso fazer uma pergunta?

– Não.

– Por que você está com ela?

– Está brincando, não é?

– Não. Quero saber exatamente o que você vê na Sra. Ali Wilder.

Myron balançou a cabeça.

– Eu sabia que não deveria ter convidado você.

– Ah, mas convidou. Portanto, deixe-me ser mais específico.

– Por favor, não seja.

– Durante seus anos na Duke houve a deliciosa Emily Downing. Depois, claro, sua alma gêmea na década seguinte, a luxuriante Jessica Culver. Houve um caso rápido com Brenda Slaughter e, infelizmente, em tempos mais recentes, a paixão por Terese Collins.

– Você quer chegar a algum lugar?

– Quero. – Win separou as mãos, depois juntou-as de novo. – O que todas as suas mulheres, seus amores do passado, têm em comum?

– Diga você.

– Numa palavra: gostosidade.

– Isso é uma palavra?

– Eram gatas alucinantes. – Win continuou com o sotaque metido a besta. – Absolutamente todas. Numa escala de um a dez, eu daria nove para Emily. Seria a nota mais baixa. Jessica ganharia um onze. Terese Collins e Brenda Slaughter chegariam a quase dez.

– E na sua opinião de especialista...

– Dar um sete seria generoso.

Myron apenas balançou a cabeça.

– Então me conte, por favor – pediu Win. – O que o atraiu tanto nela?

– Está falando sério?

– Estou.

– Bom, aqui vai uma notícia de última hora, Win. Em primeiro lugar, ainda que isso não seja de fato importante, discordo das suas notas.

– Ah, é? Que nota você daria para a Sra. Wilder?

– Não vou entrar nesse mérito com você. Mas, para começo de conversa, Ali tem o tipo de beleza que vai conquistando a gente. A princípio a gente acha que ela é bem bonita, e aí, à medida que a conhece...

– Você está racionalizando.

– Bom, aqui vai outra notícia de última hora. Não tem a ver com a aparência.

Win juntou as pontas dos dedos outra vez.

– Vamos fazer um jogo. Eu digo uma palavra e você diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

Myron fechou os olhos.

– Não sei por que falo sobre meus relacionamentos com você. É como falar de Mozart com um surdo.

– Muito engraçado. Aqui vai a primeira palavra. Na verdade são duas. Diga o que lhe vem à cabeça: Ali Wilder.

– Calor – disse Myron.

– Mentiroso.

– Certo, acho que já discutimos o bastante.

– Myron?

– O quê?

– Quando foi a última vez que você tentou salvar alguém?

Os rostos de sempre relampejaram feito luz estroboscópica na cabeça de Myron. Ele tentou bloqueá-los.

– Myron.

– Não comece – disse ele baixinho. – Aprendi a lição.

– Aprendeu?

Ele pensou em Ali, naquele sorriso maravilhoso e no rosto aberto. Pensou em Aimee e Erin em seu antigo quarto no porão, na promessa que as obrigara a fazer.

– Ali não precisa ser salva, Myron.

– Você acha que é por isso que estou com ela?

– Quando digo o nome dela, qual é a primeira coisa que vem à sua cabeça?

– Calor – repetiu Myron.

Mas dessa vez soube que estava mentindo.

Seis anos.

Era o tempo que fazia desde que Myron tinha bancado o super-herói pela última vez. Em seis anos não tinha dado um único soco. Não tinha segurado, muito menos disparado, uma arma. Não tinha ameaçado nem sido ameaçado. Não tinha telefonado para Win, que continuava sendo o homem mais amedrontador que ele conhecia, para ajudá-lo ou para tirá-lo de uma encrenca. Nos últimos seis anos nenhum dos seus clientes tinha sido assassinado – um ponto realmente positivo no seu ramo de negócios. Nenhum tinha levado um tiro nem sido preso, a não ser aquele episódio com uma prostituta em Las Vegas, mas Myron ainda insistia em que tinha sido uma armadilha. Nenhum dos seus clientes, amigos ou entes queridos havia desaparecido.

Ele aprendera a lição.

Não se meta onde não deve. Você não é o Batman e Win não é uma versão psicótica do Robin. É, Myron tinha salvado alguns inocentes em seus dias quase heroicos, inclusive a vida de seu próprio filho. Jeremy, seu garoto, estava com 19 anos – Myron também não conseguia acreditar nisso – e prestava serviço militar em algum local não revelado no Oriente Médio.

Porém Myron também tinha causado danos. Veja o que aconteceu com Duane, Christian, Greg, Linda e Jack... Mas acima de tudo não conseguia parar de pensar em Brenda. Ainda visitava o túmulo dela com muita frequência. Talvez ela fosse morrer de qualquer jeito – ele não sabia. Talvez a culpa não fosse sua.

As vitórias parecem fugir da gente. A destruição – os mortos –, por outro lado, fica à espreita, dá tapinhas no ombro, atrasa nossa caminhada, assombra nosso sono.

De qualquer modo, Myron enterrara seu complexo de herói. Nos últimos seis anos sua vida transcorreria calma, normal, mediana – até mesmo tediosa.

Lavou os pratos. Hoje ele passava parte do seu tempo em Livingston, Nova Jersey, na mesma cidade – não: na mesma casa – em que fora criado. Seus pais, os amados Ellen e Alan Bolitar, voltaram para o sul da Flórida cinco anos antes. Myron comprara a antiga casa como investimento, na verdade um bom investimento, e também para que seus pais tivessem para onde retornar quando migrassem de volta nos meses mais quentes. Myron passava um terço do tempo morando nessa casa no subúrbio e dois terços dividindo com Win um apartamento no famoso edifício Dakota, em frente ao Central Park, em Nova York.

Pensou na noite seguinte e no jantar com Ali. Win era um idiota, sem dúvida, mas, como sempre, suas perguntas tinham acertado o alvo, ainda que não a mosca. Não era a questão da aparência. Isso era um absurdo completo. E também não tinha nada a ver com o complexo de herói. Não era disso que se tratava. Mas alguma coisa em Ali o mantinha preso e, sim, talvez fosse a tragédia dela. Por mais que tentasse, não conseguia afastar isso.

Quanto a fazer Aimee e Erin prometerem ligar para ele... foi diferente. Não importa quem você é: os anos de adolescência são difíceis. O ensino médio é uma zona de guerra. Myron tinha sido um garoto popular. Um dos melhores jogadores de basquete estudantil do país e um aluno exemplar. Se alguém deveria ter vida fácil naqueles anos, seria ele. Mas não tivera. No fim das contas, ninguém sai dessa fase incólume.

Você só precisa sobreviver à adolescência. Só precisa passar por ela.

Talvez fosse apenas isso que deveria ter dito às garotas.